

Delicados
II SERIE
N.º 8

REVISTA

DO

MINHO

Delicados
II ANNO
1886

PARA O ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES DIRIGIDA POR

José da Silva Almeida

BARCELLOS

«cepção folk-loreica

ONATAL NO ALGARVE

Tendo nós procurado obter noticia, para as *Republicas*, das festas populares do natal nas diversas provincias do reino, dirigimo-nos a varias pessoas naturaes d'essas provincias pedindo esclarecimentos. De um illustre deputado da maioria, e nosso amigo, recebemos a seguinte carta, que diz respeito ao Natal no Algarve, e que certamente nos era enviada apenas como subsidio. Pedimos perdão para a inconfidencia; mas preferimos publical-a na integra a substituir-lhe qualquer artigo da nossa lavra.

Meu amigo.

São muito singelas as festas do Natal, Anno bom e Reis no Algarve.

Nas proximidades do Natal começam nas principaes egrejas as novenas ao *Menino Jesus*.

Na noite de 24 exhibe-se n'essas egrejas um presepe, onde está em exposição o *Menino* para ser contemplado e osculado pelos devotos de ambos os sexos que depõem na respectiva bandeja o óbolo, de que podem ou querem dispor.

A' meia noite começa a *missa do gallo*, resada ou cantada, a que

assiste grande numero de pessoas de todas as classes.

Finda a missa recolhe cada qual a sua casa, onde o espera o excellente lombo de porco, os fritos de varias formas e especies, e o café em amplas taças, que a um tempo preserva contra as indigestões e contra o frio.

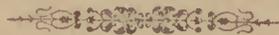
No dia 25 trocam-se os cumprimentos de boas festas entre as pessoas de familias e as de suas relações.

E' de estylo congregarem-se ao jantar em casa de algum parente os membros de cada familia, repetindo-se esta festa em casa de outros nos dias de Anno Bom e de Reis.

Durante as noites dos trez dias, a que alludo, estão expostas em algumas casas particulares presepes, modesta ou luxuosamente arranjados, que são visitados não só pelas pessoas das relações dos donos da casa, como tambem por muitas pessoas estranhas, às quaes é bizarramente franqueada a entrada.

Eis, meu caro amigo, o que é o Natal no Algarve, tão simples e tão modesto, como a desataviada descripção que d'elle faz o que é

S. C.



RESPOSTA AO CRITICO

Quando publiquei na *Revista do Minho* (pag. 54 55, vol. I, 1885) o vocabulario dos fadistas do Porto, teve só em vista, mostrar o

seu valor intrinseco; abtive-me de fazer comparações, como o sr. J. Leite de Vasconcellos me accusa de esse defeito, pois que se as fizesse muito massador me tornaria aos leitores da *Revista do Minho*.

Não fiz reparo algum em escrever a palavra—*Gajo*. E' para mim desconhecido um certo numero de couzas, assim como desconhecidas se tornam para grande numero de individuos. E isto explica-se bem:—Ha, em França, uma revista de tradições populares denominada *Melusine*; eu, como curioso que sou, escrevi aos directores pedindo a assignatura, e elles, responderam me que: a tiragem era apenas de 10 exemplares, para os seus collaboradores. Ora n'estas circunstancias, toda a gente desconhece a leitura d'essa revista a não ser os seus 10 collaboradores. E, o que se deu com esta revista, deu-se com mais duas revistas inglezas—o *The Folk-lore Journal* e *The Folklore Journal Society*. Pois que, sendo eu em tempo, emprezario da *Revista do Minho*, pedi a troca a essas três (incluindo a *Melusine*) e ellas não accederam ao meu convite depois de muito bem saberem que a *Revista do Minho*, era o unico periodico portuguez dedicado ao folk-lore.

Assim, como acima disse, não repugnei em escrever o termo *Gajo*; e, se fosse a fazer comparações, diria:—*Gajo*, relacionasse com o termo portuguez *gajeiro*, e não diria que este termo se achava em Adolpho Coelho; porque este erudito professor, publica muitos artigos em

mais jornaes, do que fez tiragem especial para amigos (de que não tenho a honra de pertencer); e eu, por exemplo, que não tenho a felicidade de lêr nem de possuir esses artigos, desconheço-os totalmente.

O sr. J. Leite de Vasconcellos diz que *Vérsas*, que não é giria:— que «na Beira Alta, por exemplo, é muito mais uzado do que *couves*; diz-se por ex. *caldo de bérças* etc.» logo é uma giria local; e se eu pequei para que é que o sr. J. Leite de Vasconcellos n'um dos seus vocabularios cita este termo e diz: *Vérsas* (gallego) *couves*? Como vê peccamos ambos. E' que ninguem vê aquillo que faz. Demais, os leitores da *Revista do Minho*, pouco se importam com «o parecee relacionar-se com o italiano» ou inglez. Isso é phantasia de critica.

Agradeço a v. ex.^a as suas observações.

BARCELLOS.

C. A. Landolt.

Missa dos espectros

NA

NOITE DE NATAL

—

TRADIÇÃO POPULAR

(Olavarria y Huarte)

Ha uma hora sagrada da noite de Natal, uma hora que a terra e o ceu ouvem com recolhimento; quando a constellação brilhante que segue a estrella polar na sua eterna carreira marca no espaço a meia noite, os anjos prostam-se de joelhos e adoram a Deus nas alturas, e na terra todas as forças misteriosas descansam um momento da sua actividade constante: è a hora em que Jesus veio ao mundo para pregar o Evangelho.

O inferno e o purgatorio tomam parte n'essa tregua de Deus, como lhe chama o povo; periodo de sossego, de paz, em que os atormentados alcançam um momento de alivio. Os guomos deixam os seus retirados esconderijos; as ninfas das aguas abandonam as suas fantasticas grutas; os genios do ar suspendem os seus vôos, e occultam-se no calix aberto das flores; a mesma vida detem a sua

incessante' marcha, para considerar por breve espaço a grandeza d'aquelle momento.

As almas peccadoras aproveitam-se d'essa tregua que Deus dá ao seu supplicio, e voltam a este mundo em busca de orações. Nas azas do vento, confundindo-se com os flocos de neve que ás vezes deixam cair as nuvens sob a terra, tornam a seus antigos lares resplandecentes de luz e resoantes de alegria e quando os séres que amaram na vida celebram o nascimento de Jesus apresentam-se á sua memoria, e pedem-lhes a saude e a oração, que hão de atenuar os tormentos que sofrem por suas culpas. E depois, quando o gallo canta, annunciando que a noite vai abandonar o ceu, mais tranquilladas mais ditosas, tornam as almas penitentes ao logar onde aguardam submissas a hora bem dita da sua redempção.

Ha, porem, algumas almas que não deixaram successão na terra, e não tem quem se recorde d'ellas, nem, portanto, quem lhes reze;—almas sosinhas como lhe chama o povo; e, em tal noite, essas pobres almas voam sem saber para onde, vagando de um para outro lado, conforme os impulsos do torvelinho, seguindo os viajantes perdidos na montanha, ou extraviados no bosque, e pedindo-lhes as orações de que necessitam.

.....

Estava muito adiantada a noite, e o velho parochio de uma aldeia, cujo nome occulta a tradição, pensava em deitar-se, depois de haver celebrado em sua casa o nascimento de Jesus. Todos os rapazes do logar setinham remido n'ella, levando as suas gaitas de folles, os seus pandeiros, os seus tambores, para bailarem e cantarem villancetes diante do *presepio* armado pelo bom velho; e já todos se haviam retirado, depois de uma abundante ceia, e com o somno a pesar-lhe nas palpebras.

Tranquillo, satisfeito, sem encargo algum na consciencia, distinguia-se o bom sacerdote a imital-os, recolhendo-se ao seu quarto. Mas primeiramente quiz ficar

só ante o presepio; para gosar da sua obra.

E, com prazer infantil, foi analisado detidamente todas as maravilhas que encerrava aquelle enorme presepe, producto de muitos dias de trabalho.

A decoração era como a lenda a descreve: em baixo, no pequeno estabulo, José e Maria contemplando o Menino Deus deitado sobre palhas, e a traz d'elles o boizinho e a mulinha aquecendo o desnudado infante com o seu halito; nos declives tortuosos da montanha os pastores, vindo em numerosos grupos ser testemunhas do successo; ao longe n'uma curva do caminho, os tres reis magos montados em cavallos conduzidos á redea pelos pagens, e seguidos de camellos carregados de presentes valiosos; n'um angulo varios pastores em redor d'uma fogueira e em attitude de servir o que lhes diz um grupo de anjos, caprichosamente vestidos, nuncios da bôa nova; ao fundo a cidade adormecida, indifferente ao prodigio que havia de completamente transformal-a...

E a par d'estes grandes conjunctos appareciam, não menos cuidados, os accessorios: aqui o arroio caudaloso, precipitando-se do pendor da montanha, ali a torrente, transbordando por entre sinuosidades e penhascos; mais alem o moinho de vento, movendo duas poderosas aspas semelhantes a braços de gigantes; e acima da paisagem a estrella reveladora, indicando aos magos o caminho de Belem...

Muito tempo esteve o sacerdote absorto na sua contemplação; mas quando um bocejo novamente lhe lembrou que era chegada a hora de se deitar, começaram a apagar-se uma a uma as pequeninas velas que ardiãndiante do presepio, illuminando-o com vivo resplandor e dando expressão ás toscas figuras de barro que se espalhavam pelo vasto monumento.

A aldeia estava em silencio.

As vozes, que ao principio da noite se ouviam fressas, harmoniosas, e mais tarde enrouquecidas, tinham deixado de ouvir-se. Não havia uma unica luz em todo o povoado. Depois de ter cantado

o misterio da redempção, dormia satisfeito o povo.

—Já deve ser muito tarde, disse o parcho, e apressou a sua tarefa.

De repente uma pancada dada na porta da rua fel-o erguer a cabeça.

—Quem será? perguntou com estranhesa. Valha-me Deus!—ajuntou depois de breve pausa—algun infeliz agonisa na montanha, e reclama com instancia a minha presença. Vamos lá.

E dirigindo-se á porta, abriu-a de par em par, como homem que de nada suspeita e que nada tem a temer.

Mas... recuou cheio de espanto! Diante d'elle apparecia uma longa fila de seres estranhos, envoltos em tunicas brancas, á maneira de sudarios. Eram muitos, perdiam-se ao longe, e a vista não podia abrangel-os.

Silenciosos, parados ante o umbral da porta, aquelles fantasmas esperavam sem duvida que o bom velho lhes dirigisse a palavra; mas este, incapaz de se mover, mudo de surpresa, permanecia ante ellês como uma esttua.

Por um movimento instinctivo, fez o signal da cruz, crendo n'algun embusto do demonio que vinha tental-o n'aquella noite; mas, ao vel-o benzer, todos os fantasmas o imitaram, e, alongando os braços, cobertos pelos sudarios, fizeram o signal da cruz.

—Em nome de Deus, que quereis? poudo por fim balbuciar o sacerdote.

— Em nome de Deus, vae á igreja, abre as suas portas, e diz uma missa por todos nós.

Incapaz de negar coisa alguma, sem mesmo pensar no que fazia: saiu o velho parcho de sua casa e dirigiu-se á igreja, seguido dos espectros, que se apartaram para que elle passasse.

A igreja ficava algum tanto distante. Pelo caminho o bom do parcho resave, e ouvia atraz de si um murmurio levemente perceptivel que se parecia com o suspiro longiuquo do vento: era que os espectros repetiam voz baixa a oração do sacerdote.

De uma vez voltou este a cabeça: atraz d'elle seguia a fan-

tastica procissão, a que a pallida luz da lua e das estrellas, e o resplendor dos fogos fatuos, que brilhavam deum e outrolado do caminho, dava um aspecto mais fantástico ainda.

Assim chegaram á igreja.

O parcho abriu, a tremer, as portas e dirigiu-se para o altar.

Os espectros entraram, apertando-se uns contra os outros, como folhas secas que o furacão revolve.

Alguns collocaram-se no presbiterio, acomodaram-se outros no coro, e os demais nas solitarias naves.

A igreja era tristemente illuminada por uma pequena lampada que ardia no altar-mór ante um grande crucifixo.

O sacerdote acendeu as vellas á luz amortecida da lampada, abriu o missal, e começou o santo sacrificio.

A's suas primeiras palavras os espectros ajoelharam, e os echos da pequena igreja repetiram o ruido de ossos tocando no mar-more das sepulturas.

Longa muito longa, foi a missa.

O parcho lia o velho livro, mas a sua voz tremia ao pronunciar as palavras, que se lhe atropellavam na garganta, como se atropellavam ante seus olhos as letras do missal, que pareciam bailar em vertiginosa dança sobre a pagina amarellecida pelo tempo.

Ajoelhado perto d'elle, um dos espectros fez de acolito, ajudando á missa e mudando o livro dos santos evangelhos sempre que assim o exigia o ritual.

Os demais, rigidos, immoveis, silenciosos, escutavam attentamente o sacerdote, sem que o mais pequeno ruido viesse perturbar o profundo silencio do recinto.

Chegou o momento solemne que faz cahir de joelhos a todos os cristãos; o momento misterioso em que, conforme a crença religiosa, o ceu se abre, o mundo estremece, e, n'um raio de luz ineffavel, desce Deus e se faz carne, para se offerecer em holocausto pela salvação do genero humano, escravo da culpa; a campainha, tangida pelo espectro que officia de acelyto, soou aguda e vibrante; os outros es-

pectros prostraram-se de joelhos, e n'uma explosão de queixumes, de soluços, de suspiros, n'um alarido tremendo e geral que nada tinha de humano, repetiram por tres vezes a oração do sacerdote:

—Senhor! tende misericordia de nós!

—Senhor! tende misericordia de nós!

—Senhor! dae-nos a paz!

E ouviu-se outra vez o ruido de ossos chocando-se uns contra os outros, enquanto que la em cima, no côro, o orgão, que tocava por si só, deixava ouvir a mais grandiosa das melodias saudando a hostia que, sustida pelas mãos tremulas do sacerdote se elevava sobre a sua cabeça, como o sol se ergue no céu, desprovido de seus brilhantes raios, na primeira hora da manhã.

Quando o sacerdote, depois de ter partido a hostia, se voltou para dizer:

Orae, irmãos!

os espectros deixaram cahir os sudarios, e appareceram como esqueletos horriveis, sustendo pesadamente as caveiras, de cujas orbitas varias parecia correr um rio de pranto.

Seguiu a missa, grave e pausada, rezada sempre entre balbuciações e suspiros.

Ao terminar, voltou-se o sacerdote para abençoar os fieis, e todos os esqueletos inclinaram as caveiras sobre os peitos para receber a benção.

Quando se voltou de novo, depois de fechar o missal e de lér a antifona, soltou um grito de surpresa!

Estava só!

Correu á porta da igreja, e já longe, muito longe, viu um rastro de luz que subia ao ceo.

Eram as almas penitentes que, já redimidas, ontravam no reino de seu pae.

Cantava o gallo, dando testemunho do nascimento de Jesus; uma tenue fita de prata começava a marcar no horisente o ponto em que o ceo e a terra parecem confundir-se; as estrellas empallideciam; a lua diminue de brilho; os campos dispersavam; a calhandra annunciava o despon-

tar de um novo dia...

O sacerdote seguiu com a vista o rastro luminoso que ia desaparecendo; quando já não pôde distinguil-o, voltou ao altar, e, caindo de joelhos ante elle, começou a orar fervorosamente.

(Elvas) A. THOMAZ PIRES.

O RICO AVARENTO

Homo quidam erat dives...

S. Cyrillo, Euthymio e muitos outros PP., referindo-se à tradição judaica, affirmam que esta narração do evangelho de S. Lucas, cap. XVI, v. 19, não é parabolica, mas a historia d'um facto verdadeiro, acontecido pouco antes em Jerusalém. Acresce tambem o testemunho de Tertuliano e do Mestre das Sentenças, Pedro Lombardo.)

O nome do rico, conservado pela tradição, era *Niceneio*. Jesus Christo (diz S. Gregorio) não o nomeia por uma especie de desprezo para com o réprobo; ao passo que do pobre mendigo, predestinado e salvo, se compraz em mencionar o nome: — *homo quidam dives quidam mendicus, nomine Lazari* —

— *Perinde ac si aperte dicat: — illum cognitum per probationem habeo; hunc per judicium condemnationis ignovo.* — (S. Gregorio)

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

BIBLIOTHECA DOS POBRES

60 reis cada volume reis 60

Assignatura em todo o reino

Cada volume de 64 paginas, brochado e estampilhado para os anre. assignantes fora de Lisboa. 60 reis

Cada volume avulso. 80 reis

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao escriptorio da empresa

Jornal de "Diario de Noticias", 83, Lisboa

OS SECREDOS

DA

CONFISSÃO

POR

CONSTANCIO MIRALTA

(Presbitero)

Traduzidos, prefaciados e editados por Clemente Gomes Alves

Está a sahir do prelo. Não é um romance, é uma narração completa de escandalos clericaes, uma photographia exactissima da linmanidade, desde os primeiros tempos em que ella se humilhou aos pés do seu maior flagello—o PADRE!

É um livro que tanto pela insuspeitabilidade do seu aucto, como pelos factos que contém, é digno da ser possuido por todos os que desejam ser conhecidos das miserias do mundo e pelos verdadeiros libertaes.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Martinho Cortella redecção da «Discussão» — Porto.

Por assignatura, 300 reis; volume avulso, 600 reis.

Livraria Civilização de Eduardo da Costa Santos—Editor
Porto—Rua do Santo Edfonso, 4 a 6—Porto

VICTOR HUGO

NOSSA SENHORA DE PARIS

Romance historico illustrado com 200 gravuras
NOTAS compradas ao editor parisiense

EUGENE HUGUES

Depois dos *Miseraveis* é o romance de *Nossa Senhora de Paris* a obra mais sublime de Victor Hugo. Cheio de episodios surprehetentes, n'uma linguagem primorosa, a sua leitura eleva o nosso espirito ás regiões sublimes do bello e inunda de enthusiasmo a nossa alma, levando-nos a tributar ao grande poeta francez a admiracao mais sincera e illimitada.

A sua traducção foi confiada ao illustre jornalista portuense, e o exm.º sr. Gualdino de Campos, e a obra completa constará d'um volume magnificamente impresso em papel superior, mandado fabricar em uma das primeiras casas de Milão.

CONDICÕES DA ASSIGNATURA

A obra constará de 1 volume ou 18 fasciculos em 4.º, o illustrado com 200 gravuras, distribuida em fasciculos semanaes de 32u paginas, ao prego de 100 reis, pagos no acto da entrega. Para as provincias o preço do fasciculo é o mesmo que no Porto, franco de porte, mas só se accetm assignaturas vindo acompanhadas da importancia de cinco fasciculos adianta-los. A casa editora gerante a todas as pessoas que angariarem qualquer numero de assignaoras, não inferior a cinco, e se responsabilisarem pela distribuição dos fasciculos, a commissão de 20 por cento. Accetm-se correspo. l dentes em todas as terras do país, que dêem abono á sua conducta

Toda a correspondencia deve ser dirigida á
Livraria Civilização de Eduardo da Costa Santos
Editor

Porto - 4, Rua do Santo Edfonso, 6 - Porto